



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **COEXISTÊNCIA E CO-AGÊNCIA DO MARUJO MARTIM PESCADOR EM UMA FAMÍLIA DE SANGUE E DE SANTO NO SERTÃO BAIANO<sup>1</sup>**

Flávio José Passos  
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil  
Endereço eletrônico: [\\_ebano@yahoo.com.br](mailto:_ebano@yahoo.com.br)

### **INTRODUÇÃO**

Quando, em 2015, optei por trabalhar sobre a presença e centralidade do Marujo Martim Parangolá em um terreiro angola, em um projeto a ser submetido e aprovado na seleção de doutorado do Pós-Afro da UFBA, no semestre 2016.1, não tinha, naquele momento, a dimensão dos desafios com os quais me depararia. Seja pela complexidade, tanto em desenvolver uma Antropologia sobre a presença de entidades espirituais e a “pragmática de seus efeitos” (SLS: 1) em grupos sociais específicos, quanto no próprio contexto dos “regimes semióticos por meio dos quais presenças espirituais são pensadas, conceituadas e debatidas nos encontros de humanos com entidades espirituais” (MELLO, 2016, p. 212), mas principalmente pelos fatos que marcaram profundamente o campo, a pesquisa e a escrita.

E, assim, decidi retomar uma temática em suspenso durante três anos após a defesa do mestrado, quando fui instigado a aprofundar a dimensão da ancestralidade negra em minha pesquisa. Uma retomada convicta seja por perceber, tanto a densidade antropológica presente no contexto, quanto à ausência de uma abordagem mais etnográfica sobre o fenômeno da presença e centralidade dos Marujos em candomblés presentes no interior da Bahia e de outras regiões do país. A continuidade do diálogo com o mesmo campo de pesquisa do mestrado, agora, noutra perspectiva, fez-me aprofundar uma dimensão já sinalizada no mestrado como uma das principais características do terreiro de Xangô de Mãe Fátima das Pedrinhas: a presença de uma entidade espiritual, convivendo, coexistindo, re-existindo junto a uma família extensa negra na periferia de uma cidade do sertão baiano.

Assim, a partir de múltiplos lugares de fala – academia, militância, política pública de promoção da igualdade racial, religião de matrizes africanas e indígenas –, o exercício a que me proponho é da construção de uma reflexão antropológica que seja

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”



um diálogo etnográfico entre a compreensão do próprio fenômeno por parte dos principais interlocutores e a bibliografia sobre a temática. Enquanto o trabalho do mestrado apresenta uma ênfase na centralidade das mulheres negras na dinâmica social do “Povo de Dôla” e do barracão de Xangô de Mãe Fátima, localizado na região do bairro das Pedrinhas, um bairro de maioria negra – próximo à estátua do “Cristo”, de Mário Cravo –, o presente trabalho estrutura-se a partir dos encontros e ressignificações do sentido da religião presente nas dinâmicas culturais dos candomblés de tradição local.

Na vida do “Povo de Dola”, a vivência da religião não é um momento separado do cotidiano. Há uma relação no âmbito da interpessoalidade entre os integrantes da família de sangue e santo com as entidades espirituais – erês, orixás, caboclos, marujos, exus –, mas, sobretudo, na presença do Marujo Martin Pescador, articulando e dinamizando a vida (PASSOS, 2012, p. 265) do grupo. Há um legado ancestral dos cultos aos caboclos e entidades espirituais trazidos do sertão a partir da força de mulheres negras.

As grandes mães são portadoras de uma força vital, de um *ethos*, do axé. Enquanto existirem pessoas que sejam indicadas pelas entidades para exercer o “dom”, esses saberes estarão preservados. Elas administram o maior legado material deixado por Vó Dola: a corporeidade de uma família extensa, dos que estão chegando aos mais velhos. E nesse processo de construção de uma solidariedade familiar e grupal, elas contam com um corpo espiritual de entidades que se integram ao “povo de Dola”, formando um povo único, composto por crianças, mulheres, homens, jovens, caboclos, *eguns*, orixás e pelo Marujo, Martin Pescador, guia da casa, irmão e pai de todos e todas (Passos, 2012, p. 189).

Os terreiros de Vitória da Conquista se constituem dentro de uma diversidade de nações, a partir de “tradições religiosas que operam com arquétipos de orixás, exus, inquices, caboclos, boiadeiros, pombas-giras, Martin Pescador, encantados e santos que certamente dão conta das diversas facetas do existir e do agir dos indivíduos no meio [...] ritualizando o fazer e o viver” (AGUIAR, 2007, p. 200).

Baseado nos estudos de Mello (2016) e de Blanes e Espírito Santo (2014), algumas questões “suleiam” a pesquisa sobre os fenômenos sociais da relação entre humanos e entidades espirituais: como se dá esse processo de incorporação ao mundo social? Em que medida e como as entidades podem vir a ser? Em que circunstâncias



essas entidades são (e estão) incorporadas? Como são interpretadas pelos humanos? Como participam da vida social dos seus “cavalos” (ou médiuns)? Em que medida as entidades espirituais estão ou participam enquanto sujeitos no mundo? A partir desses problemas, uma pesquisa sobre a centralidade de uma entidade espiritual em um grupo doméstico nos remete a pensarmos categorias e conceitos antropológicos como: coexistência, agência, efeitos, índices.

A presença do Marujo Martim Pescador, ou do “Seu Martim”, na vida de cada pessoa que compõe o terreiro de candomblé, e suas formas de agenciar, influenciar, modificar e impactar na vida de cada filho e de cada filha da casa e do grupo trouxe inquietações sobre como pensar o candomblé enquanto um movimento religioso em constante transformação e adequação às condições sociais e culturais locais, mas também enquanto “uma socialidade inextricavelmente marcada pela presença de espíritos que atravessam fronteiras entre o ritual e o cotidiano, o sagrado e o mundano, o passado e o presente, o privado e o público, o real e o imaginário” (Mello, 2016, p. 213). Nesse sentido, mais do que pensar sobre o candomblé enquanto religião, faz-se necessária uma “compreensão mais justa da complexidade envolvida nos modos de pensar e viver do candomblé” (GOLDMAN, 2009, 124).

## **METODOLOGIA**

Seguindo a linha de pensamento antropológico definido por Diana Espírito Santo e Ruy Blanes, na introdução à coletânea “The Social Live of The Spirit” (2014), acredito que o percurso da pesquisa de campo e da escrita etnográfica passará pelo enfrentamento a três grandes problemas: o primeiro será o de definir e traçar o que é o “Seu Martim” e quais os seus efeitos na vida de uma família de sangue e de santo; o segundo, analisar a maneira pela qual os efeitos da presença e agência do Marujo se interceptam na vida social do barracão, e para além dele; e o terceiro será o de delinear uma antropologia “da marujada do Martim Parangolá”, para utilizar uma expressão presente em alguns pontos cantados no barracão.

Pesquisar sobre o Marujo é pesquisar sobre as trajetórias de vida de boa parte dos integrantes do Povo de Dola e de outras pessoas que passaram ou estão no barracão, mas não possuem o laço de sangue. É ir fundo na costura das trajetórias do Marujo e de Mãe Fátima. A decisão de focar em uma presença, a do Marujo Martim Parangolá, em



um terreiro específico, servirá de parâmetro para a construção de uma análise antropológica que, por sua vez, servirá de referência para outras possíveis pesquisas sobre entidades espirituais e a sua relação com objetos, animais, pessoas e grupos de humanos.

Metodologicamente, a pesquisa desenvolve-se a partir de algumas teorias de abordagem etnográfica, principalmente privilegiando a observação, no caso, participante, pela própria condição do pesquisador-filho da casa, pelas entrevistas semi-estruturadas. E um dos maiores desafios tem sido o do querer ver o que os demais da casa já vêem com maior familiaridade. Aprender a educar a visão enquanto prática, para se poder “explorar o aprendizado da visão no candomblé como uma trajetória que envolver articulação do corpo por muitas entidades: os orixás, a família de santo, o espaço do terreiro, oferendas, búzios, narrativas, colares de contas, etc” (Rabelo, 2015, p. 256).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Um exercício de “antropologizar” o invisível e o intangível: “definir e traçar as entidades espirituais e seus efeitos na vida das pessoas; analisar a maneira pela qual esses efeitos se interceptam com o mundo social; e delinear uma antropologia dos intangíveis” (Mello, 2016, 217). Nessa perspectiva, a pesquisa que desenvolvo apresenta ricos índices válidos que apontam para a necessidade de acompanhar – o que temos acesso e o que não temos acesso tão direto – essas agências e co-agências, para essas biografias e narrativas, para essas circunstâncias da manifestação e presença das entidades, para as formas como são interpretadas e, principalmente, como tornam-se “objetos e sujeitos no mundo”, para traçar os seus efeitos.

Assim, a principal “hipótese” nesta pesquisa diz respeito à força vital de um grupo religioso que se “ancora” na figura – memória ancestral e contra-hegemônica – de um bêbado, negro, marinheiro, um espírito, uma entidade espiritual, no dizer de mãe Fátima, num “filho das águas”, ou, ainda, “um homem de verdade”. A condição de marginalizado dentro do próprio candomblé faz de seu Martim uma entidade solidária com os socialmente marginalizados e estigmatizados.

Abordar sobre a presença, agência e centralidade de uma entidade espiritual em

um terreiro nos aproxima de uma relação entre humanos e não humanos – no caso, um “invisível” –, os quais, em conjunto, tecem uma rede de relações espirituais e sociais, que convergem para um reordenamento da própria vida. Esses “elementos, linhas de forças ou trajetórias”, essas “múltiplas forças que atuam no mundo” (Rabelo, 2015) são compostas, são múltiplas, estão presentes nas coisas, nas pessoas, nos processos, nas feitura, dependendo de uma série de procedimentos e cuidados.

Mais que um estudo sobre a identidade religiosa ou os rituais, ou a natureza do candomblé do sertão, a presente pesquisa busca refletir “um modo de percepção, de imaginação e de engendramento de um cotidiano imbuído de espíritos” (Mello, 2016, p. 213). No Povo de Dola, no Barracão de mãe Fátima e Dona Zita das Pedrinhas, há um processo de construção de identidades, de alteridades, de personalidades, de entidades, em uma dinâmica social que intercruza com a convivência e coetaneidade entre humanos e não humanos, uma coexistência na qual um “invisível” cuida dos socialmente invisibilizados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espíritos; Candomblés; Tradição loca; Agência e Coexistência.

**Foto 1. Integrantes do Terreiro de Xangô com “Seu Martim”, Fevereiro 2018.**



Fonte: Arquivo de Pesquisa



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Itamar Pereira de. **Do púlpito ao baquiço: religiões e laços familiares na trama da ocupação do Sertão da Ressaca**. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica. (Tese de Doutorado). São Paulo, 2007, 327pp.

Espírito Santo, Diana and Blanes, Ruy. Introduction: On the Agency of Intangibles. **The Social Life of Spirits**, University of Chicago Press, 2013, 2013.

GOLDMAN, Márcio. 2009. **Histórias, devires e fetiches das religiões afro-brasileiras: ensaio de simetrização antropológica**. *Análise Social*, v. 44, n. 190.

MELLO, Marcelo Moura. **Entidades espirituais: materializações, histórias e os índices de suas presenças**. *Etnográfica*. vol. 20 (1), 2016.

PASSOS, Flávio José dos. **Beco de (Vó) Dola: Territorialidade e Ancestralidade Negra em Vitória da Conquista**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais: Antropologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. 2012, 285 pp.

RABELO, Miriam C. M. **Aprender a ver no candomblé**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 229-251, jul./dez. 2015.